

Coleção
Estudos sobre família

A VOZ DOS AVÓS: FAMÍLIA E SOCIEDADE

VOLUME 4

**LÚCIA VAZ DE CAMPOS MOREIRA
ELAINE PEDREIRA RABINOVICH
CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS**

ORGANIZADORAS



Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação: Editora CRV
Capa: André Vaz de Campos Moreira Tourinho
Revisão: Os autores e Marize Marques Pitta

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

V977

A voz dos avós: família e sociedade / Lucia Vaz de Campos Moreira, Elaine Pedreira Rabinovich, Cristina Maria de Souza Brito Dias (organizadores). – Curitiba: CRV, 2017.
298 p. (Estudos sobre família. v. 4)

Bibliografia

ISBN Coleção 978-85-444-1187-2

ISBN Volume 978-85-444-1699-0

DOI 10.24824/978854441699.0

1. Psicologia 2. Interdisciplinar 3. Educação 4. Sociedade I. Moreira, Lucia Vaz de Campos, org. II. Rabinovich, Elaine Pedreira. org. III. Dias, Cristina de S. B. (org.). IV. Título V. Série.

CDD 150

Índice para catálogo sistemático
1. Psicologia 150

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

CAPÍTULO 15

ENVELHECIMENTO, APOIO SOCIAL E PROGRAMAS INTERGERACIONAIS: um estudo sobre atividades de voluntariado

*Albertina L. Oliveira*⁴⁶

*Susana Villas-Boas*⁴⁷

*Natália Ramos*⁴⁸

1. Introdução

O mundo contemporâneo vive um envelhecimento populacional sem precedentes na história da humanidade. Trata-se de um fenómeno universal e irreversível, que continuará a acentuar-se, pelo menos, nas próximas décadas. Porém, ele se manifesta em ritmos diferentes, o que exige, para além do estabelecimento de novas políticas, respostas de intervenção social que vão ao encontro das necessidades locais. Para compreender melhor esta ideia, consideremos o exemplo da Europa, que constitui a região mais envelhecida do planeta, com um índice de envelhecimento de 119,8 (União Europeia a 28), uma idade média de 40,9 anos (Organização das Nações Unidas, 2013, p. 8) e uma expectativa de vida de 77 anos (ONU, 2015). No seu território, o país mais envelhecido é a Alemanha, com um índice de envelhecimento de 159,1. Em contrapartida, a Irlanda apresenta o índice mais baixo (58), sendo que Portugal se encontra em quinto lugar no *ranking* dos países com maior índice de envelhecimento (138,6) (PORDATA, 2014).

Como é sabido, há grandes assimetrias territoriais, sendo o interior de Portugal muito mais envelhecido do que o litoral, resultante, principalmente,

46 Ph.D em Educação Permanente e Formação de Adultos pela Universidade de Coimbra, Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da mesma Universidade – CEIS20. E-mail: aolima@fpce.uc.pt

47 Doutoranda na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, professora convidada na mesma faculdade e bolsista de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta – CEMRI-UAb e do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20. E-mail: suvboas@gmail.com

48 Ph.D em Psicologia pela Universidade René Descartes, Paris, Professora Associada da Universidade Aberta de Lisboa, coordenadora e investigadora do CEMRI-UAb e do Grupo Saúde, Cultura e Desenvolvimento do mesmo centro. E-mail: natalia@uab.pt

da evasão das pessoas mais jovens para as metrópoles litorais na busca de mais oportunidades e melhores condições de vida. Assim, as regiões mais envelhecidas são o Alentejo (178,0), a zona centro (163,4) e o Algarve (131,0); as menos envelhecidas encontram-se nas regiões autónomas dos Açores (73,3) e da Madeira (90,7), na área metropolitana de Lisboa (117,3) e no Norte de Portugal (113,3) (PORDATA, 2015). Mas, mesmo dentro de uma mesma região, as diferenças no ritmo de envelhecimento são notórias. Tomando como exemplo a região Norte de Portugal, a cidade do Porto (a segunda principal do País) apresenta um índice de envelhecimento de 219,0, enquanto na cidade de Braga, apenas a 55 km de distância da cidade do Porto, o mesmo índice é de 96,9 (PORDATA, 2015), sendo a cidade mais jovem do País e também uma das mais jovens da Europa. A diferença de ritmos de envelhecimento verifica-se igualmente dentro das localidades, como é o caso da freguesia do Bonfim da cidade do Porto, aqui em estudo – a quinta mais envelhecida da cidade – com um índice de envelhecimento de 265,7. E, se pormenorizarmos ainda mais esta análise, verifica-se que, dentro desta freguesia,

existem aglomerados habitacionais mais envelhecidos do que outros, quando comparados com o índice de envelhecimento global da cidade, sendo o caso das ilhas – uma construção muito própria da cidade do Porto, que surgiu na segunda metade do século XIX, como resposta ao *boom* populacional consequente à revolução industrial – e dos bairros de habitação social (VILLAS-BOAS; OLIVEIRA; RAMOS; MONTERO, 2015, p. 40).

No estudo sociodemográfico realizado por Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero (2015) na população da freguesia do Bonfim, as autoras identificam como principais causas para o extremo envelhecimento desta população o número reduzido de jovens com até 14 anos, situação que resulta do declínio da natalidade registrado nas últimas décadas, e, por outro lado, do aumento de pessoas com mais de 65 anos, que decorre da redução da mortalidade (fenômeno do duplo envelhecimento). Constatou-se, igualmente, a evasão dos jovens desta freguesia para a periferia da cidade ao constituírem família, devido aos elevados custos da habitação na freguesia do Bonfim, uma vez que é um dos territórios mais centrais da cidade do Porto. Consequentemente, podemos afirmar, por um lado, que “o perfil demográfico não é homogêneo quando analisado em termos territoriais, antes pelo contrário é pautado por grandes assimetrias, para as quais os fatores sociais e económicos têm um grande peso” (VILLAS-BOAS; OLIVEIRA; RAMOS;

MONTERO, 2014, p. 91); e, por outro lado, que o envelhecimento da população é inevitável, o que justifica a necessidade de introduzir mudanças nas nossas sociedades, quer em nível político (cuidados de saúde, economia, segurança social, educação etc.), quer em nível da intervenção social, já que é imperioso mudar mentalidades, atitudes, práticas e conjunturas/situações sociais (VILLAS-BOAS; OLIVEIRA; RAMOS; MONTERO, 2013).

Este trabalho tem como foco identificar as fontes de apoio social de pessoas envolvidas em atividades de voluntariado, relacionadas com as transações interpessoais e sociais, tais como ajuda, afeto, confiança, empatia, afirmação e solidariedade (KHAN; ANTONUCCI, 1980; RAMOS, 2004, 2005ab). Trata-se de um apoio prestado e transacionado por meio das redes sociais a que o indivíduo está ligado, que Guzmán, Huenchuan e Montes de Oca, definem como:

uma prática simbólico-cultural que inclui um conjunto de relações interpessoais que integram um indivíduo no seu ambiente cultural e lhe permite manter ou melhorar o seu bem-estar material, físico e emocional, ao mesmo tempo que contribuem para evitar danos reais ou imaginados que possam gerar-se ao surgirem dificuldades, crises ou conflitos que afetam o sujeito (2003, p. 3).

A rede familiar tem, tradicionalmente, desempenhado um papel fundamental, sendo a fonte primária proporcionadora desse apoio (VILLAS-BOAS; OLIVEIRA; RAMOS; MONTERO, submetido). Contudo, é uma realidade que tem sido bastante afetada pelas mudanças sociais, culturais, econômicas, tecnológicas, entre outras, das últimas décadas, as quais têm dificultado a capacidade e o desejo da família em prestar o apoio social necessário aos seus membros, sobretudo aos mais velhos e aos mais jovens (RAMOS, 2005b, 2008, 2013). Assim, é necessário encontrar estratégias que reforcem o apoio familiar, ou que o assegurem aos que não o têm, porque, tal como a literatura tem demonstrado, o apoio social tem efeitos muito positivos nos indivíduos, sobretudo nas fases mais tardias do ciclo de vida, estando associado a melhores condições de saúde (quer física, quer mental), ao aumento da satisfação com a vida, bem como ao bem-estar e à qualidade de vida (GUZMÁN; HUENCHUAN; MONTES DE OCA, 2003).

A estratégia a que damos ênfase neste trabalho, e que sugerimos como via para enfrentar o problema enunciado, é o recurso aos programas intergeracionais, definidos na primeira Conferência Internacional Intergeracional, organizada pelo *Consortium for Intergenerational Programmes* (ICIP), em 2002, da seguinte forma:

Os Programas Intergeracionais constituem um sistema, uma abordagem e uma prática em que todas as gerações, independentemente da idade, [cultura], [género], localização e estatuto socioeconómico, se unem no processo de gerar, promover e utilizar ideias, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de forma interativa com o objetivo de fomentar a melhoria pessoal e o desenvolvimento da comunidade (HATTON-YEO, 2002, p. 19).

Estes programas se alicerçam nas relações, ou seja, em processos recíprocos de orientação, influência, intercâmbio e aprendizagem entre indivíduos de diferentes gerações (intergeracional), mas também entre pessoas da mesma geração (intrageneracionais). Eles conduzem a que se gerem espaços e tempos interativos, nos quais os seus participantes coexistem, mas, sobretudo convivem, em outras palavras, partilham vivências, saberes, sentimentos e experiências diversas que são, em geral, mutuamente enriquecedoras (VILLAS-BOAS et al., submetido). Tais programas, por natureza, permitem a troca de recursos e apoios sociais, sobretudo, apoios emocionais (transmissão de afeto, empatia, estima, preocupação pelos outros, etc.), cognitivos (transmissão de informação, conhecimentos, conselhos, sugestões), mas, também, apoios instrumentais (como, por exemplo, na procura de trabalho, na realização de tarefas, na ocupação do tempo, no transporte) e materiais (apoio em termos de dinheiro, alimentos, comida, roupa etc.) (VILLAS-BOAS et al., submetido).

Neste trabalho, apresentamos novos dados que complementam o estudo sobre o apoio social de uma amostra da população da freguesia do Bonfim, realizado por Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero, com o objetivo de promover a implementação e o desenvolvimento de programas educativos intergeracionais nesta comunidade. Num primeiro momento, o apoio social de diferentes grupos etários foi analisado e constatou-se que ele diminui à medida que as pessoas envelhecem, mas que, em todos os grupos etários, existem pessoas com pouco apoio social, sendo que as características sociodemográficas, tais como ser do sexo feminino, ter baixos níveis de escolaridade, baixos rendimentos, viver sozinho, ser viúvo ou divorciado e estar desempregado ou reformado, demonstraram estar associadas a um apoio social mais precário, podendo estas características ser vistas, efetivamente, como fatores de risco (VILLAS-BOAS et al., submetido).

Num segundo momento, foi analisada a importância do apoio social na forma como as pessoas percebem a sua saúde, a sua qualidade de vida e a frequência de sentimentos negativos, chegando-se à conclusão de que o apoio social se encontra relacionado, significativamente, com a qualidade de vida dos indivíduos, a saúde e com a frequência de sentimentos negativos, em todos os grupos etários e, conseqüentemente, com o seu bem-estar, no

sentido de ser tanto maior quanto mais existe a percepção de apoio social por parte do indivíduo (VILLAS-BOAS et al., submetido).

Em ambos os trabalhos supramencionados, ficou comprovado que a rede familiar é, ainda, a forma mais comum de apoio social, tal como Pérez e Montero mencionam (2016). Igualmente se constatou que a rede de amigos também desempenha um papel importante no tipo de apoio em análise.

Para além destes dados de investigação recentes, nas linhas que se seguem apresentamos resultados do apoio social na sua relação com a participação ou não em atividades de voluntariado formal e informal (apoio e ajuda prestada a outrem na vida do quotidiano).

2. Metodologia

2.1 Participantes

Participaram da investigação 385 residentes da freguesia do Bonfim, na cidade do Porto/Portugal, com 15 ou mais anos de idade, distribuídos em três grupos etários: jovens e adultos jovens (42,8%), adultos de meia-idade (28,6%) e idosos (28,6%). Quanto à composição sexual, 57,1% de pessoas pertencem ao sexo feminino e 42,9% ao masculino.

2.2 Instrumentos

No presente trabalho, foi utilizado o Questionário Necessidades, Interesses e Potencialidades para Desenvolvimento de Programas Intergeracionais (QNIPDPI), que investiga a participação em atividades de voluntariado formal e a realização de voluntariado informal, ou seja, aborda se os inquiridos prestam apoio ou ajuda a outras pessoas, nomeadamente, em nível de: compras, no jardim ou quintal, transporte, trabalhos de manutenção em casa, tomar conta de crianças, ouvir as pessoas, controlar a ingestão de medicação, na alimentação ou para cozinhar, na realização de trabalhos escolares, além de outros apoios.

Foi utilizada, também, a *Escala de Redes Sociais de Lubben* (LSNS-6), versão reduzida do instrumento com a mesma designação, *Escala de Redes Sociais de Lubben* (LSNS), desenvolvida no fim dos anos 80, por Lubben (1988), para determinar o isolamento social. A versão reduzida desta escala é composta por seis itens, três direcionados à família e três aos amigos, sendo que as mesmas perguntas são aplicadas a ambos os grupos, a saber: *Quantos familiares/amigos vê ou fala pelo menos uma vez por mês?* *De quantos familiares/amigos se sente próximo de tal forma que possa ligar-lhes para pedir ajuda;* e *Com quantos familiares/amigos se sente à vontade para falar sobre assuntos pessoais?* Este instrumento foi desenhado, especificamente, para a

população idosa, mas, no seu estudo de validação para utilização com outros grupos etários (VILLAS-BOAS et al., submetido), comprovou-se que a escala LSNS-6 tem potencialidades de medição adequada não só da população idosa, mas em todos os outros segmentos etários, exceto o das crianças, dado que este último subgrupo não foi investigado.

2.3 Procedimento

A coleta dos dados decorreu entre março e maio de 2015, em escolas, centros de formação, centros de dia e de convívio, centros de estudo, lares de terceira idade e associações locais da freguesia do Bonfim da cidade do Porto/Portugal. A taxa de resposta à escala LSNS-6 foi de 98%, sendo que, apenas seis inquiridos(as) não responderam. As análises estatísticas foram realizadas recorrendo ao *software* SPSS, versão 22. Em todas as análises, foi considerado o nível de significância de 0,05.

3 Resultados

A seguir, apresentam-se os resultados deste estudo, em que se procurou obter o padrão de correlações (correlação de Pearson [r]) entre a LSNS-6 (apoio social total) e as suas subescalas *Família* e *Amigos*, com a participação em atividades de voluntariado formal e em atividades de voluntariado informal, em função da amostra total ($n = 385$) e dos subgrupos etários, a saber: *jovens e adultos* com idades compreendidas entre 15 e 44 anos ($n = 165$), *adultos de meia-idade*, entre 45 e 64 anos ($n = 110$), e *idosos* com 65 ou mais anos ($n = 110$). Testou-se, igualmente, se o voluntariado formal e o voluntariado informal se encontram associados.

No que diz respeito ao *voluntariado formal*, a partir das correlações com a escala LSNS-6 e suas subescalas, verificou-se que este tipo de voluntariado, na amostra global, está associado ao apoio social total ($r = .130$, $p < .05$) e ao apoio social amigos ($r = .140$, $p < .01$), mas não ao apoio social família ($r = .079$). No grupo dos jovens e adultos jovens, constatou-se que o voluntariado formal não está correlacionado com nenhum dos tipos de apoio social (total, família e amigos). Já no grupo dos adultos de meia-idade, o voluntariado formal apresentou-se correlacionado com o apoio social amigos ($r = .215$, $p < .05$). No grupo dos adultos idosos, também não se encontraram correlações com qualquer dos tipos de apoio social (total, família e amigos), o que evidencia um padrão idêntico ao do grupo mais jovem da amostra em estudo (ver tabela 1).

No que concerne ao *voluntariado informal*, verificou-se que, na amostra global, o apoio social total ($r = .145$, $p < .01$) e o apoio social família ($r = .166$, $p < .01$) estão relacionados com a participação em atividades de

voluntariado. No grupo dos jovens e adultos jovens, apurou-se que o apoio social total, no nível da família e dos amigos, não está correlacionado com a participação em voluntariado informal. No grupo de meia-idade, observaram-se os mesmos resultados, mas, no grupo dos adultos idosos, a participação em atividades de voluntariado informal mostrou-se correlacionada com o apoio social total ($r = .313, p < .01$) e com o apoio social da família ($r = .341, p < .01$), mas não com o apoio social ligado aos amigos (ver tabela 1).

Ao procurar saber se as atividades de voluntariado formal e voluntariado informal se encontravam relacionadas, constatou-se que não se verifica qualquer correlação significativa entre estas duas variáveis, nem na amostra total, nem nos diferentes subgrupos etários, o que significa que estes tipos de atividades tendem a ser independentes um do outro, pelo menos na amostra estudada.

Tabela1 – Correlações entre voluntariado formal e informal e o apoio social, por Escala total (LSNS6) e subescalas amigos e familiares

TIPO DE VOLUNTARIADO	N	ESCALA LSNS-6	Subescala LSNS-3 Família	Subescala LSNS-3 Amigos
AMOSTRA TOTAL				
Voluntariado formal	385	-,130*	-0,079	-,140**
Voluntariado informal	385	-,145**	-,166**	-0,081
AMOSTRA DE JOVENS E ADULTOS (15-44 anos)				
Voluntariado formal	165	-0,076	-0,076	-0,055
Voluntariado informal	165	-0,093	-0,141	-0,018
AMOSTRA DE ADULTOS DE MEIA-IDADE (45-64 anos)				
Voluntariado formal	110	-0,169	-0,074	-,215*
Voluntariado informal	110	-0,086	-0,051	-0,096
AMOSTRA DE PESSOAS DE IDADE AVANÇADA (65 ou mais anos)				
Voluntariado formal	110	-0,125	-0,046	-0,155
Voluntariado informal	110	-,313**	-,341**	-0,175

*. A correlação é significativa em nível 0,05 (2 extremidades).

**. A correlação é significativa em nível 0,01 (2 extremidades).

4. Discussão

A percepção de se estar ligado em rede, a pessoas com as quais se pode contar para obter ajuda e apoio, quando é necessário, constitui um

dos alicerces fundamentais para uma boa saúde (física e mental) e para a qualidade de vida de todas as pessoas. Como os seres humanos são seres de relação, o apoio social, os laços e a vinculação afetiva precisam ser mantidos durante todo o ciclo de vida, não havendo qualquer grupo etário que dele possa ser excluído. Como referido na introdução a este trabalho, a família continua a ser a fonte de apoio mais frequente, apesar das grandes mudanças nas sociedades contemporâneas tenderem a concorrer para a fragilização do apoio social disponível aos diferentes grupos geracionais. Além da família, a investigação também salienta que os amigos constituem uma fonte de apoio substancial.

Com a diminuição do apoio da família, em virtude da destradicionalização da vida em sociedade, o suporte de que todos precisam é, crescentemente, prestado por quem decide dedicar parte do seu tempo, numa atitude de solidariedade social, à ajuda a outrem – os voluntários – quer na vertente formal, quer informal. Assim, neste estudo, aspirou-se compreender de que forma as atividades de voluntariado se encontram associadas ao apoio social, em termos gerais e, sobretudo, ao longo do ciclo de vida.

Do estudo realizado, e considerando a amostra global, salienta-se que quem mais se envolve em atividades de voluntariado formal, mais tende a receber apoio dos amigos ($r = .140$). Por outro lado, considerando o voluntariado informal (como, por exemplo, o que os avós prestam aos netos) surge, efetivamente, uma relação significativa com o apoio proveniente da família ($r = .166$). Porém, as correlações que obtivemos e a que nos reportamos, apesar de significativas, apresentam uma magnitude baixa.

Partindo para análises mais discriminativas, isto é, considerando os três subgrupos etários em estudo, emergiram resultados distintos. Verificou-se que as pessoas mais jovens (subgrupo etário dos 15 aos 44 anos) não evidenciam que as suas atividades de voluntariado (formal ou informal) estejam ligadas ao apoio da família e dos amigos, pelo que é considerado inexpressivo ou residual. Em contrapartida, o subgrupo dos adultos de meia-idade (dos 45 aos 64 anos), que tende a praticar atividades de voluntariado formal evidencia uma associação significativa com o apoio social proveniente dos amigos ($r = .215$), ou seja, os que mais se envolvem em voluntariado em instituições também recebem mais apoio social dos amigos. Já no caso do subgrupo de pessoas com mais idade (65 ou mais anos) se constata outra tendência: é o voluntariado informal que se apresenta significativamente associado ao apoio social ligado à família ($r = .341$), sendo também encontrada uma relação significativa com o apoio social total ($r = .313$), ou seja, os adultos idosos envolvidos em atividades de voluntariado informal percebem ter mais apoio social em geral e mais apoio social familiar.

Tais resultados são deveras interessantes, na medida em que revelam que a participação em atividades de voluntariado se encontra associada ao

apoio social percebido, mas com padrões diferentes ao longo do ciclo de vida e com uma aparente intensificação dos vínculos, à medida que a idade avança. No caso dos sujeitos mais jovens, o papel de voluntário não parece ter qualquer relação com o apoio dos amigos ou da família, mas, na meia-idade, emerge a relação do voluntariado formal, associado ao apoio dos amigos, e, no período da velhice, é o voluntariado informal que se manifesta mais relevante e mais forte, ganhando dominância a sua ligação à família.

5. Conclusão

O presente estudo mostra que as pessoas envolvidas em atividades de voluntariado, quer formal quer informal, percebem receber apoio social dos amigos e familiares, particularmente os adultos de meia-idade (por parte dos amigos) e os adultos idosos (por parte de familiares). Segundo Seligman (2011), ter um propósito na vida contribui para a satisfação com a vida, porque satisfaz a necessidade humana de autonomia, competência e afiliação. Para Peterson, Park e Seligman (2005), o caminho do envolvimento e o caminho do significado são dois caminhos que conduzem à felicidade (emoções positivas), por outras palavras, usar as suas forças em atividades que contribuam para o bem comum, envolvendo-se, assim, ativamente na vida, traz felicidade. Portanto, em qualquer dos subgrupos estudados, os dados obtidos revelam a importância das atividades e dos programas intergeracionais, na medida em que eles reforçam os laços, as interações e as redes de apoio, por meio de vias que parecem não ser ainda suficientemente valorizadas e promovidas pelas pessoas de diferentes gerações.

Todavia, com base nos dados apresentados, levantam-se muitas questões, às quais a investigação qualitativa poderia dar um importante contributo, designadamente: procurar compreender se é o apoio social, relatado pelas pessoas investigadas, que lhes permite a si próprias ser, igualmente, fonte de suporte para outras pessoas e que as torna mais ativas socialmente, no seu papel de voluntárias; perceber melhor, no caso das populações mais jovens, onde vão buscar a sua fonte principal de suporte ou de apoio social; no caso dos adultos de meia-idade, explorar e compreender a aparente falta de apoio por parte da família, pelo menos junto de quem exerce o papel de voluntário; e, no caso dos adultos idosos, parece fazer sentido, com base nos resultados obtidos, investigar de que forma o aumento do apoio de amigos e de outras pessoas reforçará e consolidará a sua rede de apoio, em proveito de uma melhor qualidade de vida. Contudo, de todos os resultados obtidos no nosso estudo, importa destacar que, na fase final do ciclo vital, as pessoas que mais percebem apoio da família são, também, as que mais realizam atividades de voluntariado informal, o que reforça a importância dos laços familiares positivos na esfera de atividade dos nossos “Avós”.

REFERÊNCIAS

- GUZMÁN, J. M.; HUENCHUAN, S.; MONTES DE OCA, V. Redes de apoyo social de las personas mayores: Marco conceptual. **Notas de Población XXIX**, v. 77, p. 35-70, 2003. Disponível em: <http://www.cepal.org/celade/noticias/paginas/9/12939/EPS9_JMGSHNVMO.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2017.
- HATTON-YEO, A. Conference Report - Connecting Generations - A Global Perspective. In: **ICIP First International intergenerational conference connecting generations – A global perspective**. Keele: England, 2002.
- KHAN, R.; ANTONUCCI, T. Convoys over the life course: Attachment, roles and social support. In: BALTES, P. B.; BRIM, O. (Eds.), **Life-span development and behavior**. (p. 245-283). Boston: Lexington, 1980.
- LUBBEN, J. Assessing social networks among elderly populations. **Family and Community Health**, v. 11, n. 3, p. 42-52, 1988.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **World population prospects: The 2012 revision**, 2013. Disponível em: <<http://esa.un.org/wpp/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- _____. **World Population 2015 Wallchart**. Disponível em: <<http://esa.un.org/wpp/>>. Acesso em: 7 jun. 2017.
- PEREZ-ALBARRACIN, A.; MONTERO-GARCIA, I. De sustentados a sustentadores: El rol de las personas mayores en la familia durante la crisis económica. **ReiDoCrea**, v. 5, p. 40-55, 2016.
- PETERSON, C.; PARK, N.; SELIGMAN, M. Orientations to happiness and life satisfaction: The full life versus the empty life. **Journal of Happiness Studies**, v. 6, p. 25-41, 2005.
- PORDATA. **Índice de envelhecimento dos países da União Europeia (28)**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014. Disponível em: <<http://www.pordata.pt>>. Acesso em: 6 jan. 2017.
- _____. **Índice de envelhecimento**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015. Disponível em: <<http://www.pordata.pt>>. Acesso em: 6 jan. 2017.
- RAMOS, N. **Psicologia clínica e da saúde**. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.
- _____. Famílias e crianças em contexto de pobreza e exclusão - Do desenvolvimento à saúde e à educação. **Psycologica**, v. 38, p. 241- 263, 2005a.

_____. Relações e solidariedades intergeracionais na família: Dos avós aos netos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 39, n. 1, p. 195-216, 2005b.

_____. Família, cultura e relações intergeracionais. In: **Actas do Congresso Solidariedade Intergeracional**. (p. 315-329). Lisboa: CEMRI Universidade Aberta, 2008.

_____. Relationships and intergenerational solidarities – Social, educational and health challenges. In: A. Oliveira (Coord.), **Promoting conscious and active learning and aging: How to face current and future challenges?** p. 129-145. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0732-0_6>.

SELIGMAN, M. **Flourish: A visionary new understanding of happiness and well-being**. New York: Free Press, 2011.

VILLAS-BOAS, S. et al. Intergenerational education as a strategy for promoting active aging: analyzing the needs of a local community as a way to develop relevant and sustainable projects of intervention. In: A. Oliveira (Coord.), **Promoting conscious and active learning and aging**. (p. 161-174). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0732-0_8>. Disponível em: <http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/ebook>.

_____. Caracterização de uma comunidade local: O primeiro passo na elaboração de programas educativos intergeracionais. In: A. R. Cordeiro, L. Alcoforado & A. G. Ferreira (Coords.), **Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável**. (p. 91-97). Coimbra: DG-FLUC, 2014.

_____. Elaboração de programas intergeracionais – O desenho do perfil comunitário. **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, v. 44, p. 31-47, 2015.

_____. Estudo sobre o apoio social e a diversidade geracional. In: C. A. Gomes, M. Figueiredo, H. Ramalho; J. Rocha (Coords.), **Atas do XIII SPCE: fronteiras, diálogos e transições na educação**. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Educação, (p. 1628-1633), 2016. ISBN: 978-989-96261-6-4.

_____. Apoio social e diversidade geracional: o potencial da LSNS-6. Não publicado, artigo submetido a 16 de Maio de 2017, à **Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria**.